



casadesarmiento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MATERIAIS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1896 | Número: 13

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 13 (4) Out.-Dez. 1896, p. 149-168.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MATERIAES

PARA A

ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES

(Continuado da pag. 18)

Vou seguir na direcção do sul. O campo das investigações presentes será limitado, ao nascente pela estrada que de Guimarães leva a Santo Thyrso até o ponto em que n'ella entronca a estrada de Vizella; ao sul por uma linha tirada do entroncamento das duas estradas até á confluencia do Selho com o Ave; ao poente pelo rio Selho.

As freguezias, comprehendidas ou cortadas por estas linhas, são, contando do nascente, Mascotellos, Urgezes, Polvoreira, Nespereira, Gandarella, Cerzedello, S. Christovão de Selho, S. Martinho e S. Thiago de Candoso. Todas estas freguezias cercam o grande massiço montanhoso chamado Monte da Senhora do Monte, e é sob este titulo que estudarei as antigualhas de todas ellas, porque assim posso dar mais unidade a este trabalho.

Exceptuarei a freguezia de S. Vicente de Mascotellos, que vou tratar á parte. Das de Urgezes e Polvoreira já me occupei nas paginas antecedentes.

*

S. Vicente de Mascotellos. — A pequena igreja de Mascotellos fica n'um planalto, a nascente do outeiro de Santo Amaro; mas a freguezia estende-se pelo norte até ás Lameiras e péga com a de Creixomil. Pertence-lhe, porém, o logar de Creixomil, de que esta ultima tira a denominação. Do «grande imperio dos mouros de Creixomil» fallaria um manuscrito, possuido por um homem de Rabiços, segundo me informa o meu amigo abbade de Tagilde, natural d'estes sitios; e, se tivesse havido por aqui uma população pre-romana bastante importante para não dispensar um castro, que é aonde vão bater as tradições mouriscas d'esta especie, o outeiro de Santo Amaro, pela sua posição e configuração, estava quasi apontado ao dedo para séde do tal imperio. Mas nem a noticia do documento é confirmada pela tradição popular, conforme me affiança o meu consciencioso informador, nem no pittoresco outeiro encontrei vestigios de um castro, por maior que fosse a minha boa vontade de os descobrir. Alguns restos de ceramica antiga, que se encontram pelo alto (em maior abundancia se encontram n'uns campos, que ficam não longe da igreja, na direcção do monte das Malhoadas e de Polvoreira), não são prova bastante. Lendas de mouros, que por lá demorassem, tambem as não ha. A unica lenda conhecida, mas sem significação positiva para o nosso caso, allude a uma mysteriosa veia de agua, que, se por fatalidade fosse cortada no alto, viria a inundar as Lameiras. Tambem não ha memoria de uma capella no cimo do monte, como auctorisa a suppôr o nome de Monte de Santo Amaro. O facto da sua existencia não constituiria a prova que procuramos; seria, porém, um indicio de algum valor, attentas as seguintes razões. A construcção das capellas pelos pincaros dos montes não tem facil explicação dentro da simples esphera das concepções do christianismo. O nosso povo parece ter sentido isto mesmo. Ahi temos, por exemplo, que n'uma tradição popular, que recolhi em Cadelas (c. de Amares), a multiplicidade das capellas, empoleiradas nos outeiros e nas montanhas, foi obra de um mysterioso personagem antigo, que obedecia aos impulsos não de uma devoção, mas de uma verdadeira mania. Sabe-se, além d'isso, que os velhos concilios prohibiam como idolatricas, e parece que inutilmente, as peregrinações aos montes. Acrescente-se que

os castros estão todos nos altos dos montes e que são innumeráveis os que tiveram, ou têm ainda hoje, uma capella dentro do seu recinto murado, onde não podia faltar o culto de uma divindade pagã¹. É, pois, para mim muito provavel que as capellas construidas nos altos mirassem principalmente a desalojar algum culto idolatrico alli radicado, e que só d'este modo podia ser dissolvido lentamente. Mas, já disse, não ha memoria de capella nenhuma no cimo do Santo Amaro; e, sommado tudo, nenhuma prova temos de que alli existisse um castro. Não obstante isso, se n'estas questões fosse admittido o «palpite», entre a negativa, fundada na falta de provas, e a acção destruidora do tempo e dos homens que as fez desaparecer, eu confesso que optaria pela segunda alternativa².

Deixemos, porém, o incerto e vamos ao certo, que é pouco, mas não é mau. Pelas faldas do monte, e já a começar da meia costa, descendo para as Lameiras, não é raro encontrar alguns fragmentos de telha com rebordo. Onde se encontram abundantemente é em Bugalhóz de Cima — um sitio notavel por umas ruinas, que não são de certo as da séde do «imperio» de Creixomil, mas que é bem possivel que sejam as da séde da villa d'este nome, mencionada nos antigos documentos, no de Muma Dona, por exemplo. As ruinas abrangiam uma área de muitos metros, supposto pertencessem, conforme parece, a um edificio unico; mas uma parte foi inteiramente destruida pelo proprietario do terreno, em que ellas ficavam, quando o esmoutou e cultivou. A parte salva está n'uma bouça de mato, pegada com os novos campos, e ahi vi eu alicerces de compartimentos quadrados, de quinze palmos de diametro. Suppõe-se que o pavimento era de barro recalçado sobre uma

¹ Para prova bastará lembrar uma estatua apparecida na Citania, hoje no museu de Guimarães, e que não pôde ser senão de uma deusa. No alto vê-se agora a capella de S. Romão. Quando se quer sol ou chuva, traz-se a estatua do santo da capella para a igreja da freguezia ou leva-se da igreja para a capella.

² A falta absoluta de uma capella de Santo Amaro desfavoreceria muito a minha conjectura; mas não ha duvida nenhuma que a houve no sitio, onde vemos hoje a igreja parochial, que, a bem dizer, a absorveu. A igreja ficava d'antes na costa do monte e mudou para o planalto. Ninguem pôde afirmar com consciencia que a capella não estivesse primeiro na crista do outeiro e mudasse depois para baixo.

camada de cascalho; n'um dos compartimentos ainda o encontrei bem conservado na extensão de uns cinco palmos e á profundidade de coisa de um metro. Muita pedra solta, pequena.

Pelo que me contou o dono da propriedade, a esmoutada do terreno não deu nada de curioso. Isso pouco admira; porque, pelo visto, a pedra da vasta construcção foi saqueada até os alicerces, e tudo o que estava dentro havia de ser saqueado do mesmo modo. O unico achado de valor, diz elle, foi uma moeda de ouro com «letras gregas», que vendeu a um ourives por tres mil reis e dois pintos.

Mais valioso que a moeda seria o desenho da planta baixa das ruinas; mas hoje só era possível o de uma pequena parte d'ellas. Em todo o caso, a época romana deixou aqui vestígios importantes. De uma época mais remota ha a mencionar um pequeno machado de pedra, que o meu amigo abbade de Tagilde encontrou no caminho, que lhe passa á beira de casa, e que offereceu ao museu da Sociedade.

E não conheço mais nada digno de menção.

*

O monte da Senhora do Monte. — Este monte, cercado pelas freguezias acima nomeadas, é o mais rico em lendas de quantos tenho conhecido até hoje. A pouca distancia da capella, na direcção de Bretêllo, temos já o «Penedo da Moura». A moura apparece ás vezes sob a fôrma de uma cobra, o que é vulgar, outras vezes sob a fôrma de um rapazinho, o que tem certa novidade.

Nas faldas do monte, direcção da igreja de Cerzedello, ha duas fontes da moura, a de S. Miguel e a Fonte Velha, ambas cheias de thesouros.

Thesouros em barda, ha-os pelos Sumes ¹ (freguezia de S. Christovão de Selho), principalmente em duas minas, habitadas pelas mouras. Uma das minas estende-se para os lados de S. Martinho de Candoso; a outra vai ter nada menos que

¹ Como a palavra está dizendo, os Sumes são uma parte do leito do rio, por onde a corrente passa escondida, quando leva pouca agua. Ha o Sumê de cima e Sume de baixo, muito proximo um do outro. N'estes pontos o leito de Selho está cheio de calhaus que rolaram das duas margens.

ao alto do monte, que fica a uma respeitavel distancia. Estas minas, como a da Fonte Velha, têm sido visitadas pelos cyprianistas; mas só um d'elles teve a fortuna de encontrar lá uma cruz de ouro e um calix; todos os outros apenas tiveram a fortuna de fugir sem perigo, quando sentiram que aquelles subterraneos se enchiam de nuvens de mosquitos e ouviram ao mesmo tempo o estrondo de uma pavorosa trovoadá.

Mesmo no meio dos Sumes havia um penedo afamado pelas riquezas que continha. Distinguia-o dos outros uma cavidade em fórma de «têsto»; mas um desalmado, que quiz apoderar-se do thesouro á valentona, só conseguiu despedaçá-lo o têsto com um pico, destruindo a marca, que podia guiar os cyprianistas orthodoxos futuros.

Um penedo com marca vê-se ainda hoje, proximo aos Sumes, margem esquerda, no sitio chamado «Campo ou Matta do Valle»¹. Por baixo não faltam riquezas; mas ninguem se atreve a bolir no penedo, pelo perigo de poder desaninhar a peste, que está amuada mesmo ao pé do thesouro². Sobre o penedo têm sido vistas as mouras a pentear-se e a rir-se. Um dia passou por alli um velho e só viu uma pucara em cima do penedo. Pegou n'ella e levou-a, sem fazer caso de uma das mouras, que subitamente appareceu, e lhe pedia com desespero a peça roubada, promettendo-lhe em troca quantas riquezas quizesse. As pucaras das mouras devem ser de um valor inestimavel, visto acreditar-se em Candoso que o calix da igreja era uma das pucarinhas, por onde as mouras bebiam.

Ainda pelos Sumes, sem se precisar onde, tem sido vistas umas mulheres a guardar umas infusas «marellas» (amarellas). Tambem aqui um sujeito, vendo certo dia as infusas, sentiu a tentação de se apoderar de uma d'ellas; ouvindo, porém, uma voz dizer-lhe: «ahi não bulas», percebeu logo que lidava com as mouras e não se atreveu a offendel-as. Na veiga e logar da Teixeira, entre a capella de S. Bartholomeu e a igreja de S. Martinho de Candoso, ha tambem um penedo com «buracas», onde as mouras costumam pousar as suas pucarinhas.

Nem todas as mouras de Candoso são tão accommodati-

¹ É hoje um silveiral; mas vê-se bem que aquelle terreno foi cultivado em outros tempos. D'aqui as duas denominações, que á primeira vista parecem contradictorias.

² Tradição vulgar n'outras partes do nosso paiz e mesmo do nosso concelho.

cias como as do penedo da Matta do Valle, conforme se prova com o seguinte notavel caso. N'uma propriedade, pertencente hoje ao snr. José da Silva Basto, ha um penedo, de que tenho de occupar-me mais tarde com algumas minuciosidades, muito conhecido pelo nome de «Pedra da Moura»¹. Em tempos muito antigos, o dono da propriedade ia passando, ao nascer do sol, n'uma manhã de S. João, por deante do penedo, e, vendo em cima d'elle uma pucarinha, achou-a tão curiosa, que lhe deitou a mão e foi andando o seu caminho. Ouviu logo em seguida uma voz pedindo-lhe a restituição da pucarinha, e, voltando-se, descobriu uma moura em cima do penedo. O homem ficou insensivel a todos os rogos da moura, até que esta, desesperada, lhe protestou que aquellas terras ficariam estereis d'ahi em deante, por mais cuidados que lhes fossem prestados. E assim aconteceu, dizia-me a actual caseira da quinta, com a mais intima convicção. Para que a maldição cessasse, continuava ella, foi necessario que o dono da propriedade, arrependido da offensa feita á moura, offerecesse a pucarinha á Senhora da Oliveira, de Guimarães. E lá está hoje no «thesouro da Senhora»; é o calix mais rico que ahi se vê.

Temos ainda em S. Martinho de Candoso, proximo do lugar do Carramão, uma fonte que rompe pelo cascão de um penedo. O seu dono tem tido por mais de uma vez a tentação de quebrar o penedo, porque a fonte «canta», sendo impossivel deixar de reconhecer n'esta singularidade uma influencia mourisca e a indicação de riquezas occultas.

Emfim para o meio do monte, não longe do «Penedo da Senhora», do qual não tardarei a occupar-me, ha a «Pedra que falla», e é bem sabido que para o nosso povo um echo é sempre uma moura que falla, quer de um penedo, quer do fundo de uma mina, etc.

Vê-se, pois, que todo o monte é habitado pelas mouras e está cheio de thesouros encantados. E ainda não mencionei o mais afamado, que é uma «grade de ouro, um cambão com um tornadoiro ou tornadoira» tambem de ouro, infelizmente n'um logar incerto, nem o «sininho de ouro» que está enterado no «Souto das missas» — denominação de um sitio da montanha, que me não souberam explicar.

Dinheiro amoedado, mas dinheiro que «não corre», tam-

¹ Não confundir com a de Bretêllo.

bem tem sido encontrado. Por exemplo, entre o Codegal e Sernade (S. Martinho de Candoso), por onde é fama haver muita riqueza escondida, achou-se em tempos uma botija com aquelle dinheiro sem prestimo.

Aqui está agora o mais curioso. Se os credulos guias nos mostram diferentes penedos frequentados pelas mouras, mostram-nos igualmente, e não longe da «Pedra que falla», o «Penedo da Senhora» indicando uma concavidade, onde ella se sentava e, a maior altura, uma outra mais pequena, onde pousava o cotovello, para apoiar a cabeça n'uma das mãos. A Senhora, pois, habitou e percorreu aquella montanha, tendo sido vista a descançar n'um sitio da sua predilecção ¹. Eu já narrei a lenda da irritada moura de Candoso, mas só agora vem a proposito dar conta de uma variante, que me forneceu um octogenario de Silvares. Na sua historia, não era uma moura, mas uma Senhora, que tinha apparecido ao irreverente proprietario. — Uma Senhora? — interrompi eu com uma curiosidade facil de imaginar; mas sempre ouvi dizer que era uma moura. — Pois está claro que era uma moura, respondeu elle.

Mas o que lhe parecia claro era para mim de uma confusão aliás interessante, porque nunca vi dar a uma moura o título de Senhora, em qualquer sentido que se tome esta palavra. Não era, além d'isso, sómente na variante do velho que eu surprehendia a confusão do sagrado com o profano. Já se viu que á gente de Candoso não repugna acreditar que o calix da sua igreja fosse primitivamente uma pucara, por onde as mouras bebiam. Do mesmo modo acreditam que um dos antigos calices do «thesouro» da Senhora da Oliveira teve igual procedencia, e na lenda respectiva ha uma tal qual solidariedade entre a moura e a Senhora, pelo facto de cessar a vingança da primeira pela offerenda á segunda do objecto, que lh'a suscitou. E tanto n'esta moura que fere de esterilidade as terras do seu offensor, como em todas as mouras que derramariam riquezas sem conta pelos seus protegidos, sempre que lhes appetecesse, é impossivel desconhecer, eu pelo me-

¹ O penedo tem virtudes miraculosas. Quem sentir dôres de cabeça e n'elle se sentar, tomando a mesma posição que tomava a Senhora, vê-se livre d'ellas. Fica na «carreira sagrada», cuja linha me não souberam determinar, mas que parece ser entre o penedo e a capella.

nos não posso desconhecer, o phantasma de divindades pagãs, que a crença popular defendeu contra a propaganda christã, e que lograram viver até os nossos dias, perdendo no decurso dos seculos, como era inevitavel, a nitidez das suas feições originarias. Por outro lado, se noto que esta Senhora do Monte, cohabitando com as mouras n'uma mesma montanha, e, como ellas, frequentando um penedo da sua predilecção, se move n'um theatro com o mesmissimo scenario que aquellas filhas do paganismo, é-me impossivel fugir á suspeita de que o culto da Virgem teve por fim destruir o culto de uma antiga divindade, e não pôde consolidar-se sem christianisar algumas tradições anteriores e abandonar outras á teimosia do povo. Dir-se-ha que este processo harmonistico era inexequivel, se entre a biographia da Virgem e a da velha divindade não houvesse taes ou quaes pontos de contacto? De certo; mas, estes pontos de contacto existiam em grau sufficiente para enleiar o espirito das massas. N'este caso estava, por exemplo, a deusa Ceres, cuja estatua, provavelmente com os attributos que lhe eram peculiares, foi transformada na imagem de Santa Maria de Guimarães, como rezava o «letreiro gothico» da capella de S. Thiago. Ceres era Demeter, a deusa-mãe, pintada n'uma das suas legendas como a *mater dolorosa*, que percorria toda a terra em busca do filho desaparecido, morto e resuscitado, conforme uma versão. Esta legenda estava não só vulgarisada, mas localisada entre nós, muitos seculos antes de Christo ¹; e é ella ou outra muito semelhante que me explica a estranha tradição, corrente tambem entre nós e até, como veremos a seu tempo, no nosso concelho, de que a Senhora percorreu o nosso paiz, quando ia para o Egypto, mostrando-se mesmo as pégadas da burrinha que a conduzia ². Têm de levar-se ainda em linha de conta, no exame do nosso problema, outras legendas da Virgem, de origem desconhecida e que nem nos Evangelhos apocryphos se encontram. Aqui amaldiçoa ella um campo de tremóços, porque o estalido d'elles denunciava a sua passagem; acolá fazia nascer pedras n'umas terras, que uns lavradores andavam a semear de trigo, por-

¹ Póde vêr-se sobre este ponto o meu estudo: *Ora Maritima*, pag. 118 e seg.

² Assim succede, por exemplo, no Monte da Senhora, um castro, que fica quasi defronte de Candoso, entre o Selho e o Ave. Quando lá chegarmos, fallarei de outras tradições identicas.

que, perguntados pelo que semeavam, lhe responderam por escarneo, que semeavam pedras. Ha de confessar-se que esta Senhora possui um temperamento muito semelhante ao da moura, cuja vingança esterilizou os campos do proprietario de Candedoso.

Eu não juraria que a Senhora, venerada hoje no cimo do monte, a que dá o nome, substituisse uma divindade igual á da estatua, transformada em Guimarães na de Santa Maria; mas que substituisse uma ou mais divindades pagãs é, repito, uma suspeita, que ninguem me varrerá do espirito. O meu octogenario de Silves confirmou-me uma versão, que, sem alterar no essencial as minhas conjecturas, me não deixa caminhar por uma estrada coimbrã. Segundo esta versão, não ha inteira certeza se no monte é venerada uma só Senhora, se tres, e o ancião inclinava-se á segunda alternativa, allegando que o monte se chamava «Monte das tres Virgens». Confessava, porém, que só uma d'ellas se sentava no penedo sagrado, na posição já sabida, e que elle imitava mais ao vivo que podia, apoiando a cabeça n'uma das mãos. Ora é de advertir que o culto das *Matres*, precisamente no numero de tres, era vulgar e famoso em todo o occidente e nomeadamente na Galliza, como o prova uma inscripção da Corunha ¹. Para substituir as tres Matres é que o Christianismo não tinha senão a Senhora, e d'aqui podia muito bem provir a hesitação que se nota nas nossas duas versões ². Certo é que ellas cada vez me firmam mais na minha idéa.

E bastará sobre este assumpto, não me despedindo de voltar a elle, sempre que se me offereça occasião; porque é, a meu vêr, por estes factos e semelhantes que melhor se prova a nossa solidariedade com os Lusitanos e Gallegos; a nossa continuidade ethnica, que alguns investigadores têm negado, e que muito importa estabelecer por mais de uma razão.

Procuramos agora n'outro terreno. Um dos meus cuidados foi, como se imagina, descobrir no alto do monte alguns indicios de fortificação, alguns signaes de povoação antiga; mas, não obstante ser de bom agouro para a minha especta-

¹ C. I. L., II, n.º 2:776.

² Observando eu ao velho de Silves que, havendo uma Senhora só, não podia entender o que fossem as duas outras Virgens, respondeu-me elle depois de alguma meditação e com uma ingenuidade adoravel: «Hão de ser filhas».

tiva a tradição de que uma das minas dos Sumes levava para o cimo da montanha — tradição que anda ligada a uma grande parte dos nossos castros, mais ou menos distanciados de um rio ou ribeiro, não descobri nada. Como a larga corôa do monte não se presta a uma facil defeza, é possível que para logar de refugio fossem preferidos alguns outeiros das cercanias, hypothese tanto mais razoavel, que a veremos confirmada por mais de um facto. Fragmentos de louça não faltam; mas, se apparecem alguns, suspeitos pela sua vetustez, todos os outros são evidentemente destroços, que dos seus merendeiros deixaram os devotos nos dias de romaria.

O que ha de muito antigo são duas mamoadas, a curta distancia da capella, ambas já devassadas, que ainda assim mandei explorar por descargo de consciencia, sem fazer outra colheita senão a de alguns cacos insignificantes.

E bastam-nos os dois monumentos, para dissipar toda a duvida ácerca de uma população pre-romana, que frequentou aquelles sitios e enterrou alli alguns dos seus magnates.

Com a tenaz suspeita de que a corôa do monte foi, pelo menos, a séde de um culto, commum ás populações dos arredores ¹ e christianisado mais tarde, como foi possível, a capella, que lá se vê hoje, não podia deixar de merecer-me toda a attenção. Não tive, porém, boa paga das minhas fadigas. A capella é de uma architectura absolutamente chata, como todas as d'este genero, feitas ha dois ou tres seculos para cá. Debalde procurei algumas reliquias das suas antecessoras, que me consolassem da pessima impressão causada por este prosaismo. Apenas sobre um dos altares vi um capitel de columna antiga, posto de pernas para o ar, e aproveitado disparatadamente para peanha de um Crucifixo de pedra. Entendi que foi o uni-

¹ O meu amigo abbade de Tagilde dá-me a lista das freguezias, que em diferentes dias do anno vinham com os seus « clamores » á Senhora do Monte, duvidando de que a lista seja completa. Eram ellas: S. Thomé de Abbação, Azurei, Costa, Fermentões, Gandarella, Guardizella, Infias, Mascotellos, Nespereira, Oleiros, Pencello, Pinheiro, Ronfe e S. Martinho de Sande. Hoje quasi todos os votos, que determinavam estas peregrinações, foram commutados por outros muito mais facéis de satisfazer. Mas veja-se a nota seguinte. O voto dos de Sande « foi instituido por occasião da muita e continuada invernía, que não consentiu fazer as sementeiras senão depois d'aquelle dia (3.º sabbado de junho), semeando-se milho ainda pelo S. João e havendo ainda boa producção ».

co salvado de uma das velhas capellas, e assim o entendo ainda, apesar de me afiançar um homem de Cerzedello, que encontrei uma vez n'aquelle ermo a varrer o pequeno templo, que o capitel tinha vindo do Padrão, bem como o Crucifixo, que por isso se chamava — o Senhor do Padrão. O Padrão fica defronte e a poucos passos da porta da capella. É uma muito pequena construcção quadrada, com uma porta tambem quadrada, tendo apenas de notavel um largo arco de volta inteira, hoje empedrado, olhando para poente ¹. No meio ergue-se uma columna isolada, onde provavelmente esteve cravado o pé do Crucifixo, que vemos hoje sobre o capitel desirmanado e nada tendo de commum com a columna. O varredor da capella não me soube dizer a historia do Padrão, e penso que o nome não implica um enigma, que deva espicaçar a curiosidade dos antiquarios. Conheço outros Padrões, um, por exemplo, na freguezia da Retorta (c. de Villa do Conde), do qual me lembro muito bem; porque interrogando um lavrador do sitio sobre o que commemorava o Padrão, elle me respondeu, como admirado de uma calinice, que o Padrão era o cruzeiro, para que eu estava olhando. Fiquei convencido; e, sendo assim, não é muito para louvar, no nosso caso, a lembrança de deslocar o Crucifixo da sua primitiva base e do monumento que lhe foi consagrado pelos devotos.

Voltando ao nosso ponto, a época christã nada nos offerece de archaico no famoso monte, supposto o culto da Senhora, com o seu respectivo templo, remonte de certo a tempos muito antigos. A furia do modernismo é mais voraz que o tempo. A imagem da Virgem tambem é relativamente moderna; mas affirmava o homem de Cerzedello que tinha havido outra muito mais velha, atralhandando que a Senhora do Monte era mais antiga que a de Guimarães, conforme já o ouvira a

¹ Tambem já lhe ouvi dar o nome de capella de S. João, mas parece-me que com pouco fundamento. O que é certo é que no exterior da nossa construcção está aberto um nicho, onde se expõe e festeja S. João no dia respectivo. Ahí vem n'esse dia o Santo Christo de Infiás, acompanhado pelas cruces das irmandades das freguezias visinhas (d'antes pelas cruces e pelas irmandades); mas não pôde demorar-se mais de duas horas, sob pena de ficar na posse da gente de Cerzedello, que é senhora do Padrão e d'esta parte do monte. Escusado dizer que estas estranhas «posses» ainda hoje são vulgares n'outras partes.

um prégador ¹. Não terminarei sem dizer que a estatua da Senhora se vê no meio de duas outras, da Senhora da Guia e da Senhora de Guadelupe (de Agua de Lúbio lhe chamava o homem). Aqui estão as tres Virgens a auctorisar a versão, atraz referida.

*

Deixemos o agreste monte e procuremos pelas suas cercanias signaes de povoação, que não encontrei no seu ponto culminante, com alguma surpresa, devo confessal-o. Desçamos na direcção da «carreira sagrada», que nos traz para Cando-so, onde já conhecemos não poucos monumentos indicativos d'uma população dispersa. Já alludi tambem á crendice, segundo a qual uma das minas dos Sumes seguia para S. Martinho, vindo a proposito accrescentar agora que, ao dar-me esta noticia, um dos meus *cicerones* me apontava, com intenção ou sem ella, um outeiro d'aquella freguezia. Pelo que fica dito, eu mal podia deixar de associar os dois factos e de imaginar no outeiro a séde de algum pequeno castro. Examinei-o mais tarde, mas passei por uma desillusão, igual á que trouxe do alto da montanha — nenhuns vestigios de castro. Devo, porém, advertir que tenho examinado muitos outeiros, conhecidos pelo nome de castros ou crastos, que tambem não offerecem signal algum de o haverem sido, bem que a persistencia d'aquella denominação seja um argumento quasi irrespondivel contra as apparencias. Logo encontraremos um. É preciso admittir n'este caso que o homem, mais que o tempo, se encarregou d'uma obra devastadora, facilmente explicavel com relação a muitos d'estes logares de refugio, que, pela sua proximidade dos povoados e accesso pouco difficil, ficavam expostos, desde o seu abandono, ao saque de toda a pedraria quer das suas fortificações, quer dos seus edificios. Além do que a terra esconde, não escapa a esta espoliação senão o rebotalho de louça, que os roçadores vão reduzindo a cacos cada vez mais miudos e que nem sempre affloram á superficie do sólo. Nos castros, em que foi empregada a telha romana, o

¹ Pelo que depois averigui, o prégador disse coisa muito differente; mas de certo já não vale hoje á propagação d'esta noticia.

completo desaparecimento dos seus fragmentos é tão difficil, que se pôde dizer impossivel; mas são numerosos aquellos, em que a romanisação se não fez sentir, e n'estes, pelo visto, é quasi inevitavel a contradicção entre as apparencias e a rotina popular, que teima em affirmar a sua existencia. No outeiro de S. Martinho esta indicação não existe; apenas temos a da tradição relativa á sua correspondencia com uma das minas dos Sumes, e aqui deve ella ser tanto menos desprezada, que, havendo provas certas d'uma população antiga por estes sitios, não é muito natural que lhe faltasse um lugar de defesa contra a possivel aggressão dos inimigos de ao pé da porta ¹.

Deixemos, porém, este ponto duvidoso, e digamos ainda algumas palavras ácerca das provas em favor d'uma população dispersa. Provas d'uma população mais ou menos romanizada são os fragmentos de telha com rebordo, que apparecem por toda a zona entre o Selho e uma linha, que passe um pouco acima da capella de S. Bartholomeu, isto é, a linha, onde propriamente começa o bravio. Acho inutil especificar os pontos, onde os encontrei; o que não é inutil é observar que os não encontrei em quantidade bastante para me denunciarem um agrupamento de construcções, como em Cerzedello e Gandarella, aonde não tardaremos a chegar, nem mesmo um edificio de certa importancia, como em Bugalhóz de Cima.

Provas d'uma população pre-romana são os monumentos « mouriscos » que já mencionei desde S. Martinho até os Sumes, pertencendo quasi todos aos chamados monumentos de « pedra bruta » e tão antigos, pelo menos, como as mamoadas da corôa da montanha. Vamos vê-los mais de perto. O mais celebre, a certos respeitoes, é a « Pedra da Moura » de S. Martinho. É um penedo com duas corôas quasi conicas, bruto por todos os lados, excepto pelo nordeste, onde o trabalho humano

¹ Da innumeravel quantidade de castros que ha no nosso paiz, e muitas vezes a pequena distancia uns dos outros, deve inferir-se que a sua construcção teve mais em vista a defeza contra as populações visinhas, que uma precaução contra qualquer conquistador estrangeiro. Rivalidades entre tribus da mesma familia eram vulgares nos antigos tempos, na Grecia, na Italia, na Irlanda, etc. Ainda hoje entre as nossas freguezias não faltam rivalidades, que desfecham ás vezes em verdadeiros combates.

é manifesto, tanto no côrte vertical, como em tres nichos de tamanho desigual ¹, que se vêem hoje pouco acima da superficie do sólo. Os nichos estiveram muito tempo escondidos por uma grossa camada de terra, que subia até meia altura do penedo. O desaterro, parece que casual, não só os pôz a descoberto, mas ao mesmo tempo um «ladrilho muito bem feito, de macha-femea», começando logo abaixo dos nichos e estendendo-se alguns palmos para a frente. O ladrilho foi inteiramente destruido, e o terreno subjacente tem sido volvido e revolvido de tal modo, que hoje uma alavanca entrará sem grande esforço por aquella terra balofa até á profundidade de mais d'um metro. Não ha memoria de se ter encontrado coisa alguma, nem nas tres cavidades, nem em quantas escavações se têm feito em volta do famoso monolitho ²; devemos lembrar-nos, porém, que o legendario dono dos campos, em cuja orla elle fica, encontrou alli a mysteriosa pucarinha, e eu creio piamente que a pucarinha estava dentro d'um dos nichos e nada mais era que uma urna funeraria descoberta por acaso. Em summa, estou persuadido de que o nosso monumento era uma especie de columbario rustico — um jazigo de familia do mesmo genero que o do Boquinho, com o qual me occupei no artigo antecedente. Em ambas as partes vi fragmentos de telha romana, e é bem possivel que as sepulturas d'esta natureza fossem imitação d'uma costumeira romana; ha de, porém, notar-se que o enterramento debaixo da aba dos penedos remonta entre nós a uma grande antiguidade, como se vê pela gruta de Soalhães ³, e que é vulgarissimo o achado de urnas funerarias por baixo e nas fendas dos rochedos, que os montantes põem em hastilhas por esses montes fóra. D'aquí ao grosseiro columbario de Candoso vai um passo.

Para poente da «Pedra da Moura» temos o «penedo das buracas», onde as mouras exhibiam as suas pucas. Não o pude encontrar, e devo crêr que teve a mesma sorte, que teve uma lage, onde se via um «cavallo pintado», e que foi destruida

¹ O maior d'elles tem quatro palmos de alto, oito pollegadas de largo e outras tantas de fundo.

² Reza d'elle o livro de S. Cypriano, dizia-me um informador. Affirmava-me tambem a caseira que a moura tem sido vista por alli muitas vezes.

³ No concelho do Marco de Canavezes. No museu da Sociedade existem alguns objectos, encontrados n'esta gruta.

ha uns quarenta e tantos annos. A julgar pelo «penedinho de S. Gonçalo», em Tagilde, as buracas, que serviam de assento ás pucaras mouriscas, deviam ser «fossettes» bastante largas, para justificar a interpretação da sua phantastica serventia ¹.

O penedo da «Matta do Valle», onde se repete a historieta da moura com a sua pucarinha, deve provavelmente a sua celebridade a uma gravura n'elle insculpida e que tem a fórma da parte superior d'um báculo. As gravuras em penedos e lagès são tão variadas e de significado tão problematico, que não perderei tempo em descrevel-as e em especificar a interpretação popular de algumas d'ellas. Direi sómente que são d'uma tal antiguidade, que, segundo alguns investigadores, já pertencem á época da pedra; e, com respeito á interpretação da nossa gravura, direi que, se a tem, era inteiramente desconhecida do meu guia.

Falta fallar do «penedo da Senhora». Fica já no bravo da montanha. O meu *ciceroni*, um habil tecelão, hoje fallecido, apontava com veneração para as concavidades, onde a Senhora se sentava e onde pousava o cotovello, observando, com a solemne segurança de quem olha face a face a propria evidencia, que nada d'aquillo podia ser natural. Eu compartilhava tão pouco as suas profundas convicções, que só me parecia evidente estar em face d'uma rocha maltratada pela cárie; mas o que principalmente me absorvia então era a localisação da legenda, as vivas raizes que ella tinha creado no espirito popular, e, como atraz accentuei, a mais que estranha camaradagem, em que a Virgem e as mouras apparecem no sobrenatural da gente d'estes sitios.

Dos Sumes até á foz do Selho nada descobri digno de nota.

*

Se dentro da linha, em que pelo poente da montanha circumscrevemos o campo d'estas indagações, faltam vestigios

¹ Devo dizer que n'outras partes, Citania, immediações do castro de Santa Tecla, etc., as mouras guardavam as suas pucaras e a sua «louça» em pequenas cavernas, abertas pelos agentes naturaes, no tecto das grutas formadas por alguns penedos, ou mesmo por um penedo socavado. Mas, pelo que me informaram, em Cadoso não se trata de «louceiros» d'esta especie.

claros d'uma povoação com um centro bem determinado, em compensação encontramos reliquias de duas, conhecidas na voz do povo nada menos que com o nome de «cidades», na linha do sul, que do encontro do Selho com o Ave segue para nascente a través das freguezias de Cerzedello, Gandarella e Nespereira. Uma d'ellas, a «cidade de Pedráuca», ficava na primeira freguezia, a pouca distancia da confluencia dos dois rios; e, a julgar pelos fragmentos de telha romana e de louça, que juncam o sólo, a sua área comprehendia uma porção do pequeno monte de Pedrádos e uns campos proximos d'elle. N'um dos campos, chamado dos Pinheiros, descobriu, ha annos, o seu proprietario alicerces de construcções, que tornou a soterrar, aproveitando apenas algumas pedras, entre as quaes uma ara, consagrada ao deus Corono ¹. Certo é que das edificações de Pedráuca nada está á vista, a não serem alguns dos seus materiaes, utilizados nas paredes e casas d'aquelle sitio. Além da inscripção mencionada e d'uma outra, encontrada perto da egreja, com a simples inscripção IOVI OPTIMO MAXSVMO ², não sei que apparecesse por alli objecto algum de valor archeologico, nem sequer um fuste, um capitel de columna, uma pedra ornatada, como poderá esperar qualquer ingenuo, que, levado pelo titulo um pouco pomposo de cidade, vá visitar aquellas ruinas. Dentro da sua área, indicada, já disse, por um lastro de cacos, n'uma rampa dos Pedrádos, mostra-se como curiosidade o «penedo do caixão». É uma sepultura aberta em rocha, da qual resta pouco mais de metade, e essa mesma muito escalavrada. Só conheço mais tres no nosso concelho, contando a de Taboadello, de que já fallei; das outras occupar-me-hei a seu tempo. A de Pedráuca offerece a particularidade de ser refundada n'uma parte do penedo, cujo plano é sensivelmente inferior ao da parte bruta. Com um lascão que cobrisse a campa, os dois planos podiam ficar nivelados, e eu imaginei, bem ou mal, que os constructores do monumento não escolheram um penedo de superficie tão

¹ O snr. Emilio Hübner, a quem mandei a photographia da lapide e algumas explicações, que me pareceram necessarias, lê assim a inscripção d'ella: *Paternus Flav(i)aram posuit ex voto merit[o] ani]mo vole(ns?)*. (Vid. Supplemento ao vol. II do *Corpus I. L.*, n.º 5:562. O dedicante é, pois, um Paterno, filho de Flavio. O nome do deus Corono apparece isoladamente no lado esquerdo da lapide.

² Veja-se o citado supplemento, n.º 5:565.

desegual, senão para tirarem d'este incidente o partido que deixo apontado.

Direi de passagem que ainda dentro da área das ruínas se vê também um «padrão» — uma especie de obelisco, tão tosco como o seu plinthe, terminando por um espigão quadrado, onde provavelmente encaixava d'antes o pé d'uma cruz. A sua historia está, porém, de tal sorte perdida entre o povo, que um homem das vizinhanças punha em duvida se o padrão marcaria a séde de alguma igreja antiga, afirmando apenas com segurança que n'outros tempos vinha alli um «cramôr» (clamôr).

Vê-se que da velha «cidade» resta muito pouca coisa; ainda assim este pouco dá margem a observações importantes. Que estamos em face d'uma povoação mais ou menos romanizada não soffre a menor duvida; mas pela ára de Corono se prova que a religião indigena continuou a subsistir. Já encontramos outro exemplo no Bormanico de Vizella e alguns mais encontraremos, sem sahir do nosso concelho. O que fosse o deus Corono ninguem o sabe; mas ninguem discutirá de certo que elle pertence ao mesmo pantheon que Bormanico, e pelas inscrições, em que este deus, cujo culto estava derramado em quasi todo o occidente ¹, é equiparado a Apollo (curandeiro), e por muitissimos factos, que não posso desenvolver aqui, tenho por indubitavel que dos nossos antepassados se pôde dizer o que Cesar dizia dos Gaulezes — isto é, que adoravam os mesmos deuses que os Gregos e Romanos, bem entendido, com outros nomes. Não ha, pois, nada de surpreendente em vêr na nossa «cidade» o culto de Corono a par do de Jupiter ²; e o que eu quero relevar, em reforço das consi-

¹ No volume segundo da sua obra *Les premiers habitants de l'Europe*, publicado ha dois annos, M. d'Arbois de Jubainville sustenta que Bormanico era um deus ligurico. Eu também já tratei do mesmo assumpto no n.º 2, anno de 1884, d'esta revista.

² O Jupiter das nossas inscrições é um deus puramente romano, adoptado pelos nossos passados? Eu duvido muito. É essa, porém, uma questão, que pedia um largo desenvolvimento, improprio d'este logar, e por isso limitar-me-hei a accentuar os dois factos seguintes. Segundo Strabon e outros, o deus principal dos nossos antepassados era Marte, e comtudo inscrições da Lusitania e da Galliza relativas a Marte são rarissimas, emquanto que são vulgarissimas as relativas a Jupiter. Segundo John Rhys (*Lectures, etc.*, pag. 32 e seguintes) o Marte dos Cel-

derações que já fiz, fallando das mouras, é que temos aqui documentos certos ácerca de algumas divindades pagãs, com que o christianismo teve a lutar, para estabelecer o seu dominio. Estabeleceu-o, sem transigir com a teimosia que caracterisava os rusticos, *pagani*, e que deu origem ao celeberrimo vocabulo — paganismo? As lendas, que colligi nas paginas antecedentes, forçam á negativa, caso se não prove que a velha população pagã d'estes sitios foi varrida por algum cataclysmo, que levou igualmente as suas tradições locaes. Essa prova ninguem a poderá produzir nunca, penso eu. A idéa de que a invasão barbara do seculo v da nossa éra despovoou as cidades e os campos, dando logar a uma gente nova, é absolutamente inadmissivel. Sobretudo os rusticos, os *pagani*, vivendo da agricultura, não tinham para onde fugir, mesmo que se lembrassem d'isso, e eram muito indispensaveis aos novos senhores do sólo, para que estes os exterminassem. As mesmas legendas locaes, de que démos conta, não são uma pequena prova em favor d'esta doutrina, visto não comprehender-se que uma população estranha a taes e taes logares e vindo occupal-os n'uma época, que não podia deixar de ser já christã, os enchesse de tradições de origem evidentemente pagã e com as minuciosidades surprehendedentes, que deixamos especificadas atraz. Admittindo, pois, que a « cidade » de Pedráuca fosse destruida pela torrente das primeiras invasões, o que é bem possivel, creio firmemente que a sua população nunca abandonou a terra, em que foi creada. E, como conclusão das considerações expostas, eu creio que as mouras, que ainda hoje infestam o monte da Senhora e os seus arredores, se revelam, melhor que em qualquer outra parte, umas como almas penadas de divindades pagãs, que por aqui imperaram e que o Christianismo não teve poder de esconjurar.

Uma outra questão é se a séde primitiva de Pedráuca foi sempre o logar onde encontramos as áras de alguns dos

tas (eu digo dos Ligures) confundia-se extremamente com o Jupiter romano. Parece-me tão razoavel, em vista d'isto, admittir que os Lusitanos e Gallegos identificaram o seu principal deus com o Jupiter romano, como desarrazoado attribuir-lhes o absurdo — não tem outro nome — de deixarem cahir no esquecimento o maior dos seus deuses, quando aliás sabemos que conservaram uma grande quantidade d'outros de ordem muito mais inferior.

seus deuses, se n'um outeiro proximo, que tem o nome de Crasto e ao sopé uma fonte das mouras. Não ha no outeiro signaes evidentes que auctorisem a ultima supposição; mas já vimos o que valem as apparencias n'estes casos, e, no presente, lançar á conta d'um puro capricho a denominação de Crasto, que o povo se obstina em dar-lhe, não é argumento muito são. Um logarejo, proximo das ruinas, chama-se tambem Castro (não Crasto) ¹. Não podendo, porém, admitir-se a existencia de dois castros tão visinhos, força é optar por um d'elles. Ora é um facto sabido que todos os castros occupavam as corôas dos montes ou dos outeiros, facilmente defensaveis, e taes eram, para não irmos longe, o de Santa Tecla, quasi defronte de Pedráuca, na margem direita do rio Ave, o do monte da Senhora, quasi fronteiro a Cadoso, entre o Ave e o Selho, como já disse. O outeiro do Crasto, que é um pequeno contraforte da grande montanha, podia ser fortificado sem grande difficuldade. Não succede assim com o sitio do Castro, nem com o sitio das ruinas. Aqui, excepto pelo norte, ou melhor pelo noroeste, póde dizer-se que estamos n'um logar aberto e, o que peor é, dominado pela encosta da montanha. Não faça confusão o ter eu dito que a área da povoação comprehendia uma parte do monte dos Pedrâdos, porque este monte é um taboleiro que das faldas do grande massiço orographico, em volta do qual vamos andando, descahe suavemente para a planicie. Assim, supposto não encontremos no outeiro do Crasto vestigios claros, que façam crêr ter sido alli a primeira séde da população que vemos concentrada na baixa, eu entendo que não vae errado quem desprezar as apparencias. O nome de Castro e talvez o de « cidade » ² desceria então do alto do Crasto, e como uma simples reminiscencia, quando os seus habitantes, fiados na paz que lhes trazia o protectorado romano, abandonaram as suas incommodas fortalezas, tornadas agora inuteis.

¹ Um illustrado aldeão, não me lembra agora d'onde, ouvindo-me tomar os dois termos como synonymos, ensinava-me que Castro era nome de homem, Crasto nome de monte. Alguma coisa aprendi com a lição.

² Esta duvida funda-se em vêr eu o nome de Villa Meã designar tambem uma parte das ruinas e ser mais admissivel a denominação de villa, que a de cidade, para uma povoação semi-romanizada, como a nossa.

N'este caso, o deus Corono e consocios tinham feito os seus primeiros milagres no alto; e eu faço esta observação, porque o crasto fica na direcção da corôa da montanha e é ainda n'esta direcção que se estende uma bouça com aquella denominação.

(Continúa).

Gumarães — Outubro de 1896.

F. MARTINS SARMENTO.